



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO

JAILMA OLIVEIRA DOS SANTOS

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIA E PRÁTICA

GUARABIRA – PB

2014

JAILMA OLIVEIRA DOS SANTOS

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIA E PRÁTICA

Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras.

ORIENTADORA: Prof^ª Dra. Edilma de Lucena Catanduba

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Jailma Oliveira dos
Ensino de língua portuguesa: teoria e prática [manuscrito] : /
Jailma Oliveira dos Santos. - 2014.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Edilma e Lucena Catanduba, Departamento de
Língua Portuguesa".

1.Língua Portuguesa. 2. Ensino. 3.Aprendizagem. I. Título.
21. ed. CDD 410

JAILMA OLIVEIRA DOS SANTOS

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIA E PRÁTICA

Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras

Aprovado em 04/12/2014

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba

Prof^ª. Dra. Edilma de Lucena Catanduba
(Orientadora)

Adriana Sales Barros

Prof^ª. Dra. Adriana Sales Barros
(1^ª Examinadora)

Maria de Fátima de Souza Aquino

Prof^ª. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino
(2^ª Examinadora)

GUARABIRA – PB

2014

À minha família – pai, mãe, irmãos sobrinhos (as), cunhadas - pelo apoio, incentivo e companheirismo;

Aos que acreditavam em mim, na minha VITÓRIA;

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos criou. Seu fôlego de vida em mim me é sustento e me dá coragem para lutar por um mundo de paz e justiça social, sempre. Proveniência de luz, inspiração, fé, essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, sem Deus nada seria possível.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim e sempre estiveram ao meu lado, desde os piores momentos até de grande satisfação e alegria. Angelina e João, minha mãe e meu pai respectivamente, a vocês, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, não bastaria um obrigado. A vocês, pais por natureza, por opção e amor, não bastaria dizer, que não tenho palavras para agradecer tudo isso. Mas é o que acontece agora, quando procuro arduamente uma forma verbal de expressar uma emoção ímpar. Amo vocês! E agradeço por tudo sempre.

A professora Edilma, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho, e pela capacidade humanística de compreensão e didática; a todos os profissionais da UEPB que foram e são importantes na minha vida acadêmica.

Aos meus queridos irmãos, em ordem crescente de idade, João Batista, Josenildo, Josemar e Josiel pela fraternidade, amizade, união e por confiarem em mim.

Aos meus amados sobrinhos Alex (3 anos) e Íkaro (2 anos), e a minha querida sobrinha Amanda (4 anos), por serem tão amorosos.

Aos amigos de turma em especial, as amigas Vanessa, Josefa (Nena) e Severina (Raminha), pela verdadeira amizade que irei levar para toda vida.

Aos eternos amigos da combi, aqueles que terminaram essa empreitada acadêmica e os que ainda perseveraram em especial o amigo Breno, Ellyjeanne, Jussara por fazerem parte da minha vida no início do curso, passando por muitas situações desafiadoras que serviram para solidificar ainda mais nossa amizade. Ainda fazendo parte dessa amizade que nasceu em um veículo, agradeço também ao meu querido amigo Jean pela descontração com as conversas de duplo sentido que rendiam horas de boas gargalhadas e também, a amiga Aldenise, pela eterna parceria desde a época da educação básica e pela participação conjunta nos congressos. Como também a minha eterna amiga Samara Barros por ser mais que amiga, uma verdadeira irmã presente em todos os momentos da minha vida. Obrigada a todos.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram para as minhas conquistas meus sinceros agradecimentos.

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade.

(Marcos Bagno)

RESUMO

O professor de língua portuguesa, no exercício de sua prática docente tem de propor aos seus alunos atividades pedagógicas voltadas para um processo de ensino/aprendizagem na construção de cidadãos críticos. Neste trabalho, analisamos a prática de ensino em aulas de língua portuguesa. Nosso objetivo é observar como ocorre o ensino de gramática. Queremos verificar se a gramática é ensinada de forma isolada ou se este ensino ocorre de maneira contextualizada. Além disso, queremos compreender a concepção de língua que subjaz ao ensino. Para tanto realizamos a pesquisa em uma escola municipal da cidade de Gurinhém – PB. Nossa pesquisa é um estudo de campo, visto que procura o aprofundamento do conhecimento uma realidade específica. Basicamente realizada, por meio da observação direta das atividades para captar as explicações e as interpretações que delas decorrem. Para a construção textual foi usado como aporte teórico leituras bibliográficas de livros, revistas, artigos científicos, Parâmetros Curriculares e MATRIZES DE REFERÊNCIA DO SAEB. A partir deste momento nos subsidiamos nas ideias de Geraldi (2006, 1995, 1997) no que diz respeito às concepções de linguagem, em Antunes (2003, 2007, 2010) no tocante ao ensino de gramática contextualizada, Bakhtin (1986), Kleiman (2007), Possenti (1996) e Freire (2004, 2009), assim como outros autores que fazem referência ao ensino de língua portuguesa no que diz respeito ao ensino de gramática, ao texto como instrumento de contextualização social e mesmo à formação profissional responsável pelo ensino/aprendizagem. O estudo nos permitiu verificar que o ensino de gramática, em nossas escolas, tem seguido primordialmente uma abordagem tradicional, visto que privilegia uma visão prescritiva, isto é, apegada às regras de gramática normativa. Uma explicação para essa postura perante o ensino de língua materna se deve a fatores não estritamente linguísticos, tais como: purismo, classe social de prestígio (econômico, cultural e político), autoridade (gramáticos, bons escritores), lógica e história (tradição). Assim, as considerações da abordagem tradicional acerca do ensino de língua portuguesa pressupõem a existência de uma língua padrão culta, a qual deve ser ensinada de maneira crítico-reflexiva. O responsável por este processo de ensino/aprendizagem é o professor. Cabe ao docente dialogar com os alunos na língua e sobre a língua, interagindo social e linguisticamente, pois ele é o agente responsável pela aprendizagem de seus educandos.

Palavras-chave: Língua portuguesa, ensino, aprendizagem.

ABSTRACT

The professor of Portuguese language in the exercise of their teaching practice has to offer its students educational activities for teaching / learning process in the construction of critical citizens. In this paper we analyze the teaching practice in English classes. Our goal is to see how is the grammar school. We want to verify that the grammar is taught in isolation or whether this teaching is in context . In addition , we want to understand the conception of language that underlies the teaching . For both done research in a municipal school in Gurinhém - PB. Our research is a field of study, as they demand a deeper understanding of a specific reality . Basically carried out through direct observation of the activities to capture the explanations and interpretations arising therefrom. For the textual construction was used as the theoretical literature readings of books, magazines, papers, Curriculum Standards and REFERÊNCIA THE SAEB MATRIX. From this moment on we subsidize the Geraldi ideas (2006, 1995, 1997) with regard to language concepts in Antunes (2003, 2007 , 2010) regarding the contextualized grammar teaching , Bakhtin (1986) , Kleiman (2007) , Possenti (1996) and Freire (2004, 2009) , as well as other authors that reference the Portuguese language teaching with regard to grammar teaching , text and social contextualization tool and even responsible for vocational training teaching / learning . The study allowed us to verify that the grammar teaching in our schools has primarily followed a traditional approach as favors a prescriptive vision, that is, attached to the normative grammar rules. One explanation for this attitude towards the mother tongue teaching is due to not strictly linguistic factors such as: purism , prestigious social class (economic, cultural and political) authority (grammarians , good writers) , logic and history (tradition) . Thus, the considerations of the traditional approach on Portuguese language teaching presuppose the existence of a standard cultured language, which must be taught critical and reflective way. The charge of this process of teaching / learning is the teacher. It is for the teacher to talk to the students in the language and the language, interacting socially and linguistically, for he is the agent responsible for learning sues students.

Keywords: Portuguese, teaching, learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- O PAPEL SOCIAL DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	12
2- A PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	15
2.1- A aula de leitura.....	15
2.2- A aula de produção textual.....	16
2.3- A aula de gramática.....	20
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

INTRODUÇÃO

Muitas críticas são tecidas ao ensino de língua portuguesa. As propostas mais recentes postulam que o que deve ser trabalhado em sala de aula são os fatores ligados às práticas de linguagem. No entanto, a maioria dos professores, tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio, tem uma grande dificuldade no que diz respeito ao entendimento do que deve ser ensinado na escola? A leitura? A escrita? A gramática? O que? O professor também não tem clareza sobre qual a concepção da linguagem deve ser adotada.

O ensino de língua portuguesa esteve por muitos anos voltado para a gramática tradicional no que diz respeito as suas formas, regras, funções, nomenclaturas etc. e ainda hoje percebemos que ela continua tendo seu espaço garantindo nas práticas de ensino.

Essa atitude prescritiva é rotulada de gramática normativa. Nas palavras de Franchi (1991 *apud* Travaglia, 2006, p. 24), “gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores”. Nesse sentido, prestigia-se a norma culta, em decorrência de argumentos estéticos, elitistas ou aristocráticos, políticos, comunicacionais e históricos, e deprecia-se quaisquer outras variações da língua.

Dessa forma, o ensino de gramática ainda hoje é visto por muitos como a maneira de ler e escrever com sucesso, mas para se chegar a esses parâmetros são essenciais outros tipos de conhecimentos, pois gramática e o uso da língua são diferentes. Para Antunes (2007, p.54) “o uso da língua, além da gramática, comporta um léxico e supõe ainda regras de textualizações e regras de interação, decorrentes das situações sociais em que acontece a atividade verbal” características que o ensino de gramática descontextualizada, por si só, não dá conta de esclarecer com eficácia.

Levando em consideração as experiências obtidas durante o estágio supervisionado, no que diz respeito às observações feitas nas aulas de língua portuguesa, torna-se clara a presença desse ensino estrutural fragmentado de gramática da língua defendido pela escola e que reforça a construção de preconceitos em torno das variações não padrão da língua.

Optando por um ensino de gramática totalmente fora do contexto, fica claro que os professores levam os alunos a uma aprendizagem superficial.

De fato, já nas primeiras séries do ensino fundamental, começa a agonia de todos por apresentar, com definições e tudo, os substantivos, os adjetivos, os

verbos e demais contos do rosário terminológico, para, em seguida, se fazer, da leitura de textos, a oportunidade de reconhecê-los e grifá-los. E à medida que se avança em anos, se avança também na discriminação das diversas subdivisões de cada classe, como pormenores que chegam a confundir mais do que esclarecer (ANTUNES, 2007, p. 69).

Diante de tal situação o nosso trabalho tem como objetivo analisar o ensino de língua portuguesa focalizando especificamente o ensino de gramática. Buscamos compreender qual concepção de linguagem que fundamenta o trabalho do professor.

Nessa pesquisa, tomamos como fio norteador a compreensão de que a linguagem serve para a interação humana. Segundo Perfeito e Cecílio (2005), a escola precisa deixar de lado a ideia de que aprender português significa a realização de atividades repetitivas ou de mera codificação ou preenchimento de estruturas modulares. Sobre essa concepção interacional da linguagem, Cardoso (1999, p.21) afirma que

A linguagem deixa de ser vista apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso. As formas da língua se oferecem aos falantes como virtualidades que poderão ser colocadas em ação quando por eles agenciadas nos atos de enunciação, o que equivale a dizer que, sem esta, a língua é apenas uma possibilidade.

É a partir dessas preocupações, segundo os argumentos acima citados, que pretendemos identificar possíveis equívocos em relação ao ensino de gramática estabelecendo uma ponte entre o ensino gramatical descontextualizado e o contextualizado, descrevendo e analisando o ensino de língua portuguesa em uma turma de 9º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Flaviano Ribeiro da cidade de Gurinhém – PB.

A escolha de uma turma de 9º ano justifica-se por esse ser o último ano do ensino fundamental, fim de um ciclo que durou nove anos de experiências adquiridas não apenas em relação ao ensino de língua portuguesa, como também das demais disciplinas, e início de um novo ciclo que é o ensino médio em que, os alunos irão aprofundar os conhecimentos adquiridos durante o ensino fundamental. Nesta fase, os mesmos começarão a prestar exames para ingresso nas universidades e de fato mostrarão os conhecimentos referentes ao uso adequado da língua materna em suas modalidades escrita e oral, e a capacidade de refletir criticamente sobre o que leem e escrevem.

Esses são os objetivos das aulas de língua portuguesa do 6º ao 9º ano. Saber argumentar, fazer relações entre os textos lidos e ter uma atitude crítica perante as informações obtidas. Será interessante perceber se os professores estão preocupados em formar alunos críticos ou apenas se preocupam em reproduzir significados gramaticais a cada

ano levando os alunos apenas à memorização de regras. É importante compreender a razão pela qual o professor de língua portuguesa parece preferir trabalhar o ensino gramatical descontextualizado em vez do contextualizado, levando em consideração a sua formação profissional.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir da observação, descrição e análise de 8 horas/aula de língua portuguesa ministradas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental.

O artigo está dividido em duas partes. No primeiro tópico, abordamos o ensino de língua portuguesa buscando identificar o seu papel social. Em seguida, tratamos das questões teóricas e metodológicas que podem favorecer ou não a formação de sujeitos críticos capazes de interagir socialmente através da linguagem no que diz respeito, principalmente ao ensino gramatical. Através da descrição e análise das aulas de língua portuguesa em que, fazemos uma referência ao ensino pautado nas formas textuais. Na sequência, apresentamos as considerações finais.

1 O PAPEL SOCIAL DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Com o passar do tempo, as interações sociais vão se tornando cada vez mais complexas e exigindo dos sujeitos maiores e variadas habilidades para a comunicação. A escola parece que não consegue acompanhar os avanços sociais e não prepara os alunos para a interação social por meio da linguagem. Em outras palavras, a educação do passado passou a ser insuficiente. É preciso olhar para o presente e descobrir novas formas de ação escolar, especificamente no que se refere ao ensino de língua portuguesa que atendam as novas necessidades que emergem.

Assim, o professor tem, em nossos dias, a árdua tarefa de criar condições de sobrevivência e desenvolvimento dos seus educandos na sociedade, aproveitando-se de fórmulas eficientes do passado e pesquisando outras que se fizerem necessárias. "Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação" (BRANDÃO, 1985, p.7).

O professor deve trabalhar a fim de desenvolver habilidades, que possam levar a educação para a cidadania e proporcionar a apreensão e a produção do conhecimento, não apenas repetir regras a fim de que os alunos reproduzam tudo que já foi dito. Segundo Antunes (2003, p. 15), "não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela

“voz”, pela “comunicação”, pela “atuação e interação verbal”, pela linguagem”. Temos que admitir que o conhecimento, principalmente o de mundo não é adquirido através de regras e fórmulas descritas pela norma padrão que as escolas tendem a adotar. “O ensino de língua portuguesa não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, política e socialmente” (ANTUNES, 2003, p. 15).

Para que o ensino de língua portuguesa, no que diz respeito ao ensino de gramática não se resuma em uma mera transmissão de conhecimentos, é necessário que o professor faça um planejamento em que possa disponibilizar vários recursos e repensar a prática e as estratégias de ensino, como afirma Libâneo (1994, p. 27) “a organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considerá-los isolados. São aspectos que devem ser articulados” para que desta forma, a disciplina de língua portuguesa possa motivar os alunos a discutir e aprender cada vez mais, já que, a mesma está inserida em todo contexto seja ele escolar ou social.

Para Geraldi (2006) e Azeredo (2008), a escola precisa fazer uma reflexão em relação ao ensino de gramática normativa, os autores afirmam que é preciso haver uma sistematização sobre o uso linguístico. Assim, atividades práticas do aluno podem complementar ainda mais a aprendizagem, quando o conteúdo é trabalhado de forma significativa e coerente.

No quadro de uma concepção sócio interacionista da linguagem, o fenômeno social da interação verbal é o espaço próprio da realidade da língua, pois é nele que se dão as enunciações enquanto trabalho dos sujeitos envolvidos nos processos de comunicação social (GERALDI, 2006, p. 27).

O ensino de língua portuguesa focado apenas no ensino descontextualizado não dá a devida atenção para a leitura, para a escrita e para a fala dos alunos.

Na verdade, a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. (ANTUNES, 2003, p. 30).

Sendo assim, se deve levar em consideração, as experiências, os conhecimentos, a motivação e os aspectos comunicativos específicos que o aluno traz para a aprendizagem, objetivando, com isso, desenvolver as quatro habilidades do aluno: ouvir, ler, falar, escrever.

Para que isso ocorra, deve-se construir um referencial teórico que oriente o professor em sua prática, para preparar as suas aulas no foco do desenvolvimento dessas habilidades e competências ministrando conteúdos específicos para desenvolvimento de seus discentes uma vez que todo ser humano possui uma disposição inata para a aprendizagem, isto é, toda pessoa

é capaz de aprender, de fazer algo específico, ou seja, uma ação física ou mental. Para mobilizar o conjunto de habilidades do aluno, o professor precisa fazer com que seus discentes analisem, apliquem, avaliem, identifiquem, relacionem, sintetizem e manipulem com destreza todo conhecimento adquirido.

Assim, na escola, não adianta estudar como os textos funcionam ou sobre as regras de gramática, se não são desenvolvidas as habilidades de leitura. Conceitos não são aprendidos mecanicamente, mas evoluem com a ajuda de uma vigorosa atividade mental, pois o repassar de conteúdo vai na contramão dessa teoria. Ensinar é criar situações favoráveis ao desenvolvimento de habilidades

Desta forma, o ensino de gramática não deve abranger apenas o uso de nomenclaturas, uma gramática fragmentada irrelevante para a capacidade comunicativa do aluno é preciso que a gramática ensinada esteja interligada com a escrita, com a leitura e também com a oralidade, desenvolvendo seu “papel social de capacitação para o exercício cada vez mais pleno e consciente de sua cidadania” (ANTUNES, 2003, p. 34). O professor precisa provocar, interagir, discutir, criticar, analisar, enfim, trabalhar as chamadas habilidades operatórias visando o desenvolvimento de competências linguísticas e textuais para que desta forma os alunos possam resolver problemas e criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes em que estejam inseridos.

A realização consciente e competente das tarefas de ensino e aprendizagem torna-se, assim fonte de convicções, princípios de ação, que vão regular as ações práticas dos alunos frente a situação postas pela realidade [...] Mostramos, assim, que não há como especificar objetivos imediatos do processo de ensino fora de uma concepção de mundo (LIBÂNIO, 1994, p.99).

Se hoje a escola deseja formar um cidadão consciente e reflexivo, como consta na LDB, em seu art.22º "A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores", se a sociedade mudou e exige pessoas questionadoras e conscientes de seus direitos e deveres, é necessário que professores e professoras e todos os envolvidos com as instituições de ensino reflitam sobre a sua prática e sua postura diante dos discentes, pois todos estão envolvidos no processo educacional.

2 A PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa está situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está mergulhado e não divorciado do contexto social. Espera-se que ele alcance competências em relação à compreensão da língua portuguesa que lhe possibilitem considerá-la como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestadas na forma de sentir, pensar e agir na vida social.

Todavia, sabemos que o processo de ensino/aprendizagem, principalmente o ensino de Língua Portuguesa desconsidera esse objetivo de ensino preocupando-se apenas com ensino gramatical estrutural desprezando a concepção de linguagem como forma de interação para desenvolver a competência comunicativa do aluno, para assim, levar o mesmo a adequar-se a língua nas mais diversas situações.

2.1 A aula de leitura

Essa prática de um ensino superficial é identificada logo na primeira aula observada. A aula consistiu em uma espécie de revisão sobre as classes de palavras. A professora foi colocando as palavras de diferentes classes no quadro e foi formando uma oração, dessa oração um período e perguntava aos alunos, à medida que as palavras iam sendo colocadas na lousa, a que classe gramatical pertenciam e os alunos que arriscavam responder alguma coisa falavam tão baixo que ninguém quase os escutava.

A professora em nenhum momento aproximou os conteúdos trabalhados da realidade dos alunos, dando apenas exemplos isolados de classes gramaticais. E nesse momento voltamos a questionar a postura profissional, vemos que ainda há profissionais utilizando de métodos que só afastam os alunos da verdadeira aprendizagem significativa.

Vieira et al . (2010, p. 27), critica essa prática dos professores de língua portuguesa em sala de aula:

Não poderemos formar cidadãos pensantes, críticos e reflexivos, se ministrarmos aulas de língua materna, que usam o texto apenas como pretexto para o ensino de gramática ou de leitura e interpretações superficiais. É necessário primeiro munir o professor de conhecimento técnico e didático, de consciência crítica e cidadã.

Na maioria das vezes, o professor está desmotivado por baixos salários e a desvalorização da profissão resultando assim na má qualidade do ensino.

É difícil aos professores assumirem os requisitos profissionais e éticos da profissão com os baixos salários, com a preparação profissional deficiente, com a baixa autoestima que vai tomando conta de sua personalidade (LIBÂNEO, 2002, p.90).

Para Nidelcoff (1983), o professor precisa se apresentar aos seus alunos como um educador/orientador e não como um mero transmissor de informação. Os alunos devem lhe interessar enquanto pessoas, não enquanto intelectos apenas.

Tais reflexões tem grande importância não apenas dentro do ambiente escolar, mas na formação continuada do indivíduo que está inserido numa sociedade. Sociedade esta que deve oferecer também condições que possibilitem ao aluno ampliar os seus conhecimentos muito além do que lhe é apresentado em sala de aula como revela Martins (1997, p. 111): “Inserido no contexto em que vivem e na realidade manifestada em nosso país, devemos criar condições para que os alunos se tornem cidadãos que pensem e atuem por si mesmo”.

2.2 A aula de produção textual

A próxima aula observada foi sobre produção textual. Nessa aula, a profissional responsável pela aprendizagem dos alunos ali presentes, trouxe para a turma a proposta de redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Ela disse para os alunos que, como os mesmo estavam em fase final do ensino fundamental, era bom que eles se acostumassem com as redações, pois no ano seguinte já poderiam prestar o ENEM.

A professora explicou rapidamente e de maneira oral, sem nenhum texto em mãos, o que era uma redação para o ENEM, sua estrutura composicional e falou também de textos motivadores. Pediu aos alunos que formassem duplas e entregou a proposta da redação do ano anterior, para que os mesmos fizessem uma redação.

É sabido que os alunos precisam ser conhecedores de diversas formas textuais e também, desde o ensino fundamental estarem familiarizados com os exames prestado para ingresso em universidades assim como o ENEM, mas antes de tudo e de qualquer produção textual, o professor precisa trabalhar com os alunos esse conceito de textualidade, aproximando-os cada vez mais do sentido texto, ou seja, instigando o uso do diálogo na sala de aula.

Todavia, é importante que fique claro que, é papel da escola ensinar aquilo que os alunos ainda não sabem para incluí-los em práticas sociais da escrita que sejam bem

valorizadas socialmente. Mas também é dever da escola não depreciar as outras variedades da língua que os alunos trazem para a sala de aula.

A aprendizagem da leitura ocorre quando os alunos participam de situações nas quais a linguagem escrita é usada junto com pessoas que exercem práticas de letramento. Aprende-se a ler quando os propósitos de leitura são claros e quando se constroem sentidos para os textos lidos.

Por isso, as situações didáticas desenvolvidas pelo professor devem permitir que os alunos coloquem em ação, estratégias de leitura necessárias ao desenvolvimento da compreensão leitora. O emprego de estratégias para localizar informações explícitas, a capacidade de fazer inferências (a partir das informações implícitas – as deduções, hipóteses geradas baseando-se nas pistas dadas pelo próprio texto ou em conhecimentos que se tem), a antecipação (capacidade de prever o que ainda está por vir) e, por último, estabelecer relações do que se leu com outras leituras e experiências, são habilidades que merecem destaque no processo de aprendizagem da leitura.

Desenvolver habilidades de leitura é desenvolver procedimentos próprios dos leitores fluentes, é desenvolver nos alunos a possibilidade de entender a leitura como algo interessante e desafiador, uma conquista que possa lhes dar autonomia e independência.

O processo de produção textual envolve uma série de habilidades que os alunos precisam desenvolver para que se tornem bons escritores. Se de um lado, nas práticas sociais de escrita, escreve-se para participar de situações de comunicação reais, a partir de necessidades específicas e dirigidas a interlocutores autênticos, por outro, entende-se que um texto pertence a um determinado gênero e, por isso mesmo, apresenta algumas características relativamente estáveis que organizam a nossa expressão e a nossa capacidade de comunicação.

A proposta apresentada é que o processo de ensino de língua portuguesa esteja voltado para os propósitos textuais e que este seja planejado pelo professor, e que antes de redigir, ele possa responder às seguintes perguntas: o que comunicar, como escrever, quem serão meus possíveis leitores, que linguagem usar, quais informações essenciais, qual será o suporte, dentre outros.

Sobre a prática do professor Gadotti (2000, p.9) afirma que

nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz, e para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer dos seus alunos.

O autor afirma ainda que, os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.

Dessa forma, no ensino de língua portuguesa, a unidade de ensino precisa ser o texto, propulsor da reflexão crítica e imaginativa do aluno como leitor e produtor. A partir de leitura e de análises do(s) sentido(s) dos textos o professor poderá fazer a abordagem gramatical, ou seja, a análise linguística.

Segundo Geraldi (1997, p.74),

[...] a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina.

Possenti (1996) propõe atividades de reflexão sobre a língua (análise linguística), todavia deixa claro que não está propondo um roteiro metodológico que possa ser executado por pessoas altamente especializadas, mas que depende do bom senso, um pouco de capacidade de observação e disposição para abrir mão de atitudes puristas em relação à língua. E para finalizar, Possenti (1996, p. 95) apresenta uma única ideia:

[...] fazer com que o ensino do português deixe de ser visto como transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma tarefa em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sensações. O ensino deveria subordina-se à aprendizagem.

Dessa forma, o professor precisa trabalhar a fim de desenvolver as competências dos seus educandos e levar a educação para a cidadania e proporcionar a apreensão e a produção do conhecimento.

Em mais uma aula observada, identificamos outra tentativa da docente trabalhar com textos. A professora dividiu a turma em grupos e para cada um dos grupos ela indicou gêneros textuais diferentes para os grupos apresentarem em sala, mas apenas indicou e não deu uma explicação prévia dos tipos de gênero textuais e o resultado foi muita confusão. Os alunos não sabiam diferenciar uma crônica de um artigo e outros nem sabiam o que eram contos. O resultado desta aula foi, os alunos sem saberem distinguir gênero textual, gênero literário e tipo textual.

Dessa forma, cabe ao professor explicar essas características em sala de aula para que os alunos compreendam o que são esses gêneros textuais e que esses existem em diferentes contextos sociais e que convivemos diariamente com eles.

As Matrizes de Referência do SAEB (2001, p. 17) – Sistema de Avaliação da Educação Básica, que tem o objetivo de orientar a construção das provas de avaliação de desempenho dos alunos da Educação Básica faz referência à construção comunicativa do sujeito, o que é essencial para sua inserção social:

Um sujeito competente no domínio do uso da linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente, formulando perguntas e articulando respostas significativas em variadas situações.

Com isso, a análise de palavras e frases, a memorização de regras e nomenclaturas, a realização de exercícios sem qualquer funcionalidade deixam de satisfazer um ensino de qualidade. Em nada contribuem para a formação do aluno leitor e produtor de texto e de sua capacidade crítico discursiva. É o que dizem os PCNs (1998, p. 36) em relação à prática de análise linguística. Espera-se que o aluno atinja os seguintes objetivos básicos:

constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
apropriar-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto);
seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos.

Entende-se que o processo ensino/aprendizagem da leitura e da escrita deve ocorrer a partir de situações nas quais o uso da linguagem, em diferentes contextos de comunicação, possa fazer sentido para quem aprende.

O ensino deve abranger de maneira harmônica a sua aplicabilidade, isto é contextualizar o uso. O aluno só será capaz de interiorizar o conhecimento da estrutura gramatical se esta for contextualizada em situações ou contextos comunicativos.

Considerando o texto como foco nas aulas de ensino de gramática, trabalhando a formulação de atividades que conduzam o aluno a reflexão da flexibilidade da língua, acerca dos diversos gêneros, permitindo a exploração de categorias gramaticais enfatizando sua (re)construção de sentido que é efetivamente construída quando o leitor é capaz de agir no

texto e sobre o texto. É preciso levar o aluno a compreender e interpretar, argumentar, elaborar perguntas, levantar hipóteses acerca do uso de determinados elementos linguísticos relacionando a sua contextualização cultural histórica e social.

As práticas sociais de leitura sempre estão relacionadas a uma necessidade comunicacional. Na escola, não pode ser diferente, os alunos precisam tomar consciência da diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam de fato a leitura. Assim como existem vários textos, existem várias formas de ler, que também podem variar de acordo com as situações propostas. É importante também, que os alunos saibam que bons leitores lançam mão de estratégias e procedimentos para construir significados sobre o texto.

É importante que o professor tenha a consciência de quais teorias guiam sua prática, porque o ajudarão a fazer as escolhas adequadas a cada contexto.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dele que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCN-Língua Portuguesa, 2001, p. 23).

Se o texto se apresenta como um caminho para a construção de sentidos, como aponta Freire (2009) e Geraldini (1995) está aí a importância do trabalho em sala de aula com textos variados que possibilitem ao aluno lidar com a realidade social, com os vários sentidos afixados pelas diversas leituras.

2.3 A aula de gramática

A última aula observada foi sobre verbos. Nessa aula, a professora começou copiando do livro didático, uma quantidade enorme de conteúdos fazendo uma completa mistura acerca dos assuntos relacionados ao verbo: tempo, modo, pessoas. Os alunos ficaram assustados com tanta coisa copiada e questionaram a professora que não estavam entendendo nada e ela disse para eles não se preocuparem que iriam entender no exercício, que também foi copiado do livro didático.

A professora, em todas as aulas observadas, mostrou um grande apego pelo livro didático, não que o mesmo não seja importante para o professor como também para os alunos, mas é preciso que esta ferramenta de ensino seja utilizada de forma correta para que desta

forma, sejam priorizados os assuntos em suas formas contextuais como trazem alguns dos livros didáticos.

No que tange, especificamente, ao ensino/aprendizagem, reconhecer que a língua padrão é apenas uma das variedades da língua, própria de práticas sociais específicas do uso da escrita, é reconhecer que cada situação pede um determinado uso da língua que pode variar entre o mais formal ou menos formal, entre o uso de uma ou de outra variedade.

Além da importância da concepção que se tem de língua, outros tantos fatores têm relevância para a mudança de prática que contribuirá para o sucesso no ensino da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito ao ensino, contextual em que podemos abordar a gramática de maneira funcional e facilitar a aprendizagem dos alunos.

Para Antunes (2003) há uma falta de interação em que os alunos não expressam a sua opinião, falta um intercâmbio, o professor é o responsável por fazer um elo entre o texto e o aluno para que o mesmo possa expressar seus argumentos acerca do que foi lido. A autora defende que, a partir da leitura pode-se construir cidadania criando ideais. O professor deve instigar o uso do diálogo na sala de aula inserindo-se na perspectiva interacional em que o papel do professor é o de intermediário da experiência com o uso linguístico. Desta maneira, em sala de aula, deve-se participar ativamente no auxílio aos alunos, procurando sempre colaborar no processo ensino/aprendizagem, usando e tendo como referência este interacionismo que Antunes (2003) defende e também o respeito à autonomia e dignidade do ser educando, como frisa sabiamente FREIRE (1996, p. 59). “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos conceber uns aos outros”.

Bakhtin (1986, p.113) descreve a linguagem sob a perspectiva de “ponte lançada entre o homem e o outro homem”. Segundo ele, é através da palavra que a pessoa se define em relação ao outro e à coletividade, pois esta é o modo mais sensível e puro de relação social, de forma que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (Bakhtin 1986, p.41)

Desta forma, o professor é capaz de levar o aluno a desenvolver suas próprias competências crítico discursivas, diferentemente da postura tradicional que pode originar

vários problemas. A insistência na imitação, obediência, repetição e controle, que são muito frequentes no método tradicional, conduzem a uma negligência das capacidades individuais do aluno, pois são competências mecânicas e repetitivas.

Já não há mais lugar para o professor simplesmente repetidor, como disse acima, que fica passivo. [...] O novo perfil do professor é aquele do pesquisador que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre. (ANTUNES, 2003, p.36)

Para isso, é relevante que os professores, para poderem ser assim chamados, sejam constantes leitores e pesquisadores, mantendo-se desta forma informados de tudo que acontece à sua volta. Professores de língua portuguesa não podem, ou melhor, não devem ignorar os avanços da investigação científica sobre a linguagem e o ensino de língua.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da coleta e análise dos dados e também do embasamento das diversas opiniões dos especialistas consultados, teceremos nossas considerações.

Ao fim deste artigo, são várias conclusões a serem tiradas, não apenas em relação ao ensino de língua portuguesa como também em relação aos profissionais desta área e os alunos que, estão juntos por um único propósito o conhecimento que gerará a educação.

Creemos que o ensino de língua portuguesa vai muito além da forma tradicional apresentada neste trabalho, deve levar a uma atitude crítico-reflexiva em que os conhecimentos são compartilhados a partir do momento que são desenvolvidas práticas de ensino voltadas para aumentar a bagagem linguística do corpo discente.

Com as experiências adquiridas, compreendemos que é papel da escola tornar o aluno competente tanto na sua competência leitora como na produção de textos de vários tipos e que possa desta forma aumentar a competência comunicativa dos alunos.

Logo, é sabido que para mudar esse quadro desesperador da educação básica é preciso que o professor faça uma reflexão crítica de sua própria prática. Segundo o poeta Caetano Veloso na música *Sozinho*, “quando a gente gosta, é claro que a gente cuida”. Então, amemos e cuidemos atentamente do nosso objeto de estudo: a língua portuguesa e também nos responsabilizemos pelos nossos discentes que ainda continuam a ser o futuro da nossa nação.

Através deste trabalho abriram-se novos horizontes que nos permitem ver o quanto é trabalhoso e ao mesmo tempo gratificante, ser um educador e poder contribuir para a formação de um cidadão digno do âmbito escolar.

Ademais, as experiências vivenciadas levam-nos a perceber que há muito que fazer para que situações inaceitáveis como ensinar qualquer coisa de qualquer maneira aos alunos deixem de ocorrer e sejam sanadas de forma a realmente propiciar ao aluno um aprendizado de qualidade para que o mesmo seja capaz de relacionar-se de igual para igual em nossa atual sociedade, que cobra a cada dia mais de nós.

Por fim, é oportuno mencionar que este artigo pretendeu contribuir com os estudos que se relacionam com os fenômenos linguísticos e a gramática enquanto matéria que se ensina na escola e que estes estudos estão em aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J.C.D. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AZANHA, J. M. P. *A formação do professor e outros escritos*. São Paulo. Editora Senac, 2006.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho*. SP: Parábola Editorial, 2007.

_____. *Aula de português: Encontro e interação*. SP: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Análise de textos: Fundamentos e práticas*. SP: Parábola Editorial, 2010. (Estratégias de Ensino).

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 4º ed. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. MEC/SEF, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Maxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3ª ed. Hucitec. São Paulo, 1986.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARDOSO, S. H. C. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CECÍLIO, S. R. *Investigando a própria ação*: reflexões sobre o ensino de gramática na 8ª série. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura).

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Linguagem e ensino*: exercício de militância e divulgação. 6ª impressão novembro de 2006. Campinas: Mercado da Letras: Associação de leitura do Brasil, 2006. Coleção Leitura no Brasil.

_____. *Unidades básicas do ensino de português*. In: O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. P. 59-79.

_____.(org.); ALMEIDA, Milton José de [et al.]. *O Texto na sala de aula*. 4ª ed. São Paula: ática, 2006.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*, 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LIBÂNIO, José Carlos. *Didática* (coleção magistério. Série formação do professor). Cortez, 1994. São Paulo.

_____. *Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 20 de Dezembro de 1996.

MARTINS, João Carlos. *Vygostsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desenvolver o mundo*. São Paulo: FDE, 1997, nº 28, p. 111-122. (Série ideais).

MARCONDES, D. *A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade*. In: BRANDÃO, Z. (org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, p.14-29. (Questões da nossa época, v. 35).

MATRIZES DE REFERÊNCIA DO SAEB 2001. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/saeb/matrizes.htm>

NIDELCOFF, M. T. *Uma escola para o povo*. 16ª ed. Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, Mariângela rios de. & WILAON, Victória. In: MAETELOTTA, Mário Eduardo. (org.). *Manual de Linguística*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

PERFEITO, A. M; CECÍLIO, S. R. *Ensino-Aprendizagem gramatical: diagnóstico de uma pesquisa*. *Signum: Estudos da Linguagem*. Londrina 8/2, p. 83-107, dez. 2005.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar a gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996 (Coleção Leitura no Brasil).

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. L. *Diferentes concepções* – Revista Poésis – volume 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VIEIRA, Rita Alves; FERREIRA, Racilda Maria Nóbrega; SCHMIDLIN, Regina de Fátima Mendes. *A prática pedagógica de professores de língua portuguesa em uma perspectiva de transversalidade e desenvolvimento de competências comunicativas*. Revista F@ciência. Paraná. V.7. nº 3. P. 26-40. 2010.